

Resenha de: BARRETO, Francisco Paes; DINIZ, Clélio Campolina. **O enigma China: uma síntese histórica, econômica e psicanalítica**. Curitiba: CRV, 2021, 164p.

Arlei Vitor da Silva¹

Frente ao momento da pandemia devido ao Covid-19, os autores Francisco Barreto e Prof. Dr. Clélio Campolina apresentam uma obra com temas relevantes no estudo da China e sobre a importância do porquê o mundo volta os olhares para o continente oriental, em especial à economia chinesa. O professor Campolina vem a ser um dos expoentes acadêmicos no estudo da economia da tecnologia e desenvolvimento econômico, incluindo visitas à China e uma produção acadêmica sólida sobre economia da tecnologia com estudos sobre o país asiático. Um ponto que vale ressaltar sobre a obra é o fato dos autores a apresentarem de uma forma mais didática e objetiva, não voltada apenas para o público acadêmico, mas também fora deste ambiente. A motivação para resenhar a obra vai de encontro com a perspectiva de Silva (2019) afirmando que o processo de desenvolvimento econômico chinês é complexo em sua dinâmica e que sua complexidade provém de algumas questões e características de Mao Tse-tung, Deng Xiaoping dentre outros líderes do país; a ascensão acelerada nas últimas quatro décadas, levando o país asiático da miserável à maior economia do planeta, de acordo com algumas projeções, como afirma Barreto (2021) e baseada em tais, procurar produzir materiais acadêmicos que auxiliem futuras pesquisas sobre a China, visto que na academia nacional este é um assunto recente e com publicações ainda em ascensão.

Trata-se aqui de uma obra partilhada em dois momentos: A primeira parte, formulada por Barreto, irá discutir de forma histórica e psicanalítica os aspectos chineses, apoiando-se nos expoentes da teoria psicanalítica Sigmund Freud e Lacan. Sob a perspectiva histórica e global apresenta pontos que auxiliam no entendimento de como o país asiático se organizou como potência mundial. A segunda parte, produzida por Campolina, é desenvolvida sob uma perspectiva econômica, construindo conceitos que por fim são úteis no entendimento da análise das características da expansão do continente asiático, sendo conduzido pela China.

Doravante nosso objeto de análise será sobre os aspectos históricos e econômicos, sendo esta nossa área de estudo. Acredita-se que os aspectos psicanalíticos da obra pouco agregam nos estudos das ciências sociais aplicadas.

A obra se inicia com menção ao *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels (1847), a motivação de realizar tal menção é clara: apresentar o princípio dos ideais comunistas e suas críticas a sociedade capitalista. A menção vai de encontro a revolução

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Alfenas/MG e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estatística e Experimentação Agropecuária na Universidade Federal de Lavras/MG. E-mail: arlei.silva@sou.unifal-mg.edu.br

chinesa que tem início em 1934 e fim em 1949 quando ocorre a ascensão e vitória do Partido Comunista Chinês contra Chiang Kai-Shek – governador nacionalista chinês – e os nacionalistas, dando assim a criação da República Popular da China liderada por Mao Tsé-Tung, reproduzindo os moldes da revolução russa.

Há dois expoentes históricos a se estudar quando relacionamos a China: Mao Tsé-Tung e Deng Xiaoping. O primeiro conhecido como o Grande Timoneiro, lidera o país na revolução erguendo o Partido Comunista Chinês, mas leva também a dois desastres, conforme Barreto (p. 40) “o grande salto adiante” era um projeto econômico e social que deixa milhares de cidadãos mortos pela fome ou pela execução dos proprietários. Consequência do grande salto, ocorre a Revolução Cultural, onde há a perseguição dos revisionistas e o cerceamento de influências ocidentais na cultura chinesa. Este segundo desastre encerra-se com a morte de Mao. Sucedendo Mao, Xiaoping, conhecido como Arquiteto Chefe, se torna expoente por ser um líder que abre o mercado chinês ao planeta, mas rejeita com veemência a forma de governo constitucional do ocidente, condenando as premissas liberais e a sociedade civil independente. Esta abertura ao mercado realizada pelo líder chinês, possibilita uma ascensão à globalização, mas com uma característica perspicaz dos asiáticos: a transferência de tecnologia. O convite chinês para que empresas estrangeiras alocassem suas produções no país, tinham como foco um aumento das capacidades internas e locais de produção, conforme Jabour (2018) chama de estratégia chinesa de internalizar tecnologias via investimentos estrangeiros diretos. Temos atualmente na China o polo tecnológico/inovativo de Shenzhen que alguns autores denominam de “*New Silicon Valley*” – fazendo referência a região norte americana situada na Califórnia e onde estão alocadas diversas empresas da área tecnológica – erigido com a estratégia chinesa. Como Barreto nos traz: “no mercado internacional o produto (Chinês) será imbatível na concorrência.” (p. 43), assim a China passe do *made in China* para o *design in China*, se tornando o maior exportador de tecnologias do mundo, fortalecendo o parque industrial e conseqüentemente sua economia, colocando em saldo positivo sua balança comercial de manufaturas de altas tecnologias.

Este arcabouço histórico dos autores leva-nos ao capítulo 11 denominado de “O capitalismo Chinês”. A primeira menção do autor nesta parte é a indagação: “A China é um país comunista ou é um país capitalista?” Com a abertura de mercado realizada por Xiaoping poderíamos afirmar que capitalista, mas como o regime político é comandado com firmeza pelo Partido Comunista Chinês (doravante PCC) a compreensão não se torna clara. Assim o termo que o governo chinês utiliza vem a ser *socialismo de mercado*, movimento este que possui a característica do mercado aberto, presença de empresas não estatais, mas com um contraponto a Adam Smith² bem claro no cunho político: a mão do estado é visível. Este

² Economista britânico considerado como Pai da economia moderna, defendendo o liberalismo econômico e apresenta em sua obra *A Riqueza das Nações* o termo mão invisível, criticando a intervenção dos estados na

socialismo de mercado que permite transferências de tecnologias, uma economia voltada para exportação, uma expansão econômica, mas tutelada pelo PCC vem com forte expansão. O banco mundial apresenta dados entre 1980 e 2010 onde o crescimento chinês esteve em 10,02% a.a., comparado com o crescimento mundial no mesmo período que esteve em 2,82% a.a., ou seja, um crescimento expressivo frente ao mundo.

O segundo momento da obra denominado Transformações Globais e Ascensão Chinesa, redigido pelo professor Campolina³ é apresentada sob a forma de pequenos textos que indicam ao leitor um pensar econômico, com explicação sobre temas e termos usualmente utilizados no meio acadêmico, mas necessário para compreensão da ascensão chinesa frente a globalização. Iremos apreciar os temas que detém pontos cruciais do texto.

A primeira parte apresenta aspectos para o entendimento do mercado e do estado discutindo o liberalismo político e econômico. O primeiro como uma escola filosófica do século XVII defendidas por Montesquieu e Locke ao direito à liberdade individual, com anuência para acumular capital, propriedade privada, liberdade de mercado – contrapondo o mercantilismo. Sob a perspectiva econômica, conforme citado acima, o expoente vem a ser Adam Smith com a defesa a não intervenção estatal e liberdade de mercado. Outro autor apresentado é David Ricardo, defensor também do liberalismo econômico, mas agregando a teoria das vantagens comparativas. Ressalta-se que a separação de viés político e econômico se dá na metade do século XIX com a revolução marginalista e o início do conceito de utilidade. A utilidade sendo distinta do valor, pois valor está intrínseco ao trabalho ou ao bem, a utilidade corresponde as escolhas, exemplificado entre trabalho e lazer na obra.

Ao avançar na obra o autor nos fornece a discussão entre desenvolvimento capitalista e ondas tecnológicas, onde um dos maiores mistérios na compreensão do capitalismo diz respeito à tecnologia (p. 99). Com a expansão do pensamento capitalista, houve a necessidade de novas formas de avanço do conhecimento, diferentes inovações, novos acessos a tecnologias desconhecidas, com isso tal pensamento altera radicalmente o modo de conhecimento para que frutifique novas inovações. São discutidos dois momentos na forma de avanço tecnológico e inovativo: o primeiro no período mercantilista é a forma de transporte, manufatura e comércio, tais inovações geram uma ascensão nas trocas de bens entre regiões e uma polarização de bens; o segundo momento vem a ser a revolução industrial inglesa, com avanço das manufaturas, indústrias têxteis, maquinários a vapor, especialização da mão de obra. Conforme Campolina (p. 99) os países que dominaram de forma acelerada os processos inovativos e tecnológicos se tornaram economicamente mais

economia partindo do pressuposto que cada indivíduo possuidor de capital, almeja continuamente em descobrir a melhor aplicação/opção para si, obtendo maior vantagem para si e não para a sociedade, sendo assim buscando maior vantagem para si, este gerará vantagem para sociedade.

³ Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre e Doutor em Economia, foi Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação em 2014.

desenvolvidos. A compreensão de desenvolvimento apresentada na obra não açambarca apenas crescimento econômico – que pode ser uma das motivações para desigualdades econômicas entre países – mas um fortalecimento nas condições vinculadas a perspectiva social, ambiental, cultural e histórica de dada nação.

O desenvolvimento do capitalismo se forma através de grandes ondas tecnológicas, assim analisado por Nikolai Kondratiev. Esta análise perpassa por três momentos de inovação: a máquina a vapor que possibilita o crescimento da indústria têxtil, o desenvolvimento das ferrovias e utilização de carvão, a eletricidade, química e motor a combustão. O autor apresenta Schumpeter como o identificador de um quarto momento do desenvolvimento capitalista sob a perspectiva tecnológica está na crescente indústria automotiva, uso do petróleo e petroquímica entre a década de 30 a 80 no continente europeu, norte americano e no Japão. Quinto momento de desenvolvimento se dá na tecnologia da informação, isto é, comunicação, microeletrônica, internet, defendida como único momento em que resultou impacto nas esferas econômicas, sociais e políticas. A onda atual, apresentada por Campolina, é a chamada indústria 4.0, tida como uma nova revolução industrial, onde tem a China como potência, pautado nos gastos com pesquisa e desenvolvimento – sendo este uma das forças do país asiático.

Esta expansão tecnológica altera radicalmente os padrões de produção e emprego, pois a robótica, inteligência artificial, vão consumindo de forma veloz os postos de trabalho, podendo gerar a chamada crise do emprego, diagnosticada por Richard Freeman que afirmava em 2017 existiam 521 mil robôs em operação pelo mundo, destes 210 mil estão alocados na China. Esta ascensão elimina inúmeros postos de trabalho gerando instabilidade política e social. Em caminho distinto o estudo norte americano de Davi Autor defende que emprego não será o problema, mas sim a distribuição de renda. Problemática esta que Thomas Piketty e Joseph Stiglitz apresentam como resolutive a distribuição de renda como condição de sobrevivência ao modelo capitalista.

Toda a obra faz menção e referência a métodos e discussões econômicas, mas em especial há dois capítulos que discutem especificamente a inflação, o câmbio e balança de pagamentos. De forma didática o autor apresenta o termo inflação - defendida como aumento geral dos preços em uma economia - e suas derivações de inflação de demanda, custos, inercial e estrutural. Avançando o conceito apresenta como é no caso nacional, onde temos o cálculo inflacionário realizado oficialmente pelo IBGE⁴ gerando o IPCA⁵ e INPC⁶, mas também demais cálculo como IGP-M⁷ realizado pela FGV. A taxa de câmbio conforme Campolina, seguindo a forma didática, vem a ser a relação entre valor da moeda nacional com uma moeda estrangeira, claro tendo algumas que são referências (dólar, euro, iene).

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁵ Índice de Preços ao Consumidor Amplo

⁶ Índice Geral de Preços ao Consumidor

⁷ Índice Geral de Preços do Mercado

Itens estes necessários ao leitor para compreensão de importação e exportação, visto que o país asiático em estudo é um grande exportador de tecnologia e itens inovativos e um dos maiores importadores de commodities do Brasil, levando a um superávit da balança comercial em 2020 dentre os quais destaca-se a soja e o algodão, que juntos exportaram para a China aproximadamente US\$ 21,3 Bilhões conforme dados do ComexStat.

Caminhando para o encerramento da obra, o autor centraliza seus esforços na compreensão da China, reforçando pontos históricos apresentado por Barreto, mas ressalta-se os pontos em que Xiaoping propôs como reforma: 1) abertura de mercado; 2) modernização do setor industrial e atração de investimentos externos; 3) consolidação de grandes bancos estatais e por fim 4) uma ênfase na área tecnologia e científica, ponto este já discutido anteriormente. Tece comentário sobre o temo socialismo de mercado, corroborando com Elias Jabour em que é uma nova formação econômica e social, esta combinação de abertura mercadológica, mas tutelada pelo PCC. Mas tal expansão asiática se apresenta somente na China? Claramente o autor negaria tal asserção, afirmando que a China é a líder na expansão, e não deixa de tecer comentários sobre países como Japão, Coréia do Sul, Taiwan e Índia. A Coréia do Sul como grande potencial de desenvolvimento, sendo o país que mais investe em pesquisa e desenvolvimento em relação ao PIB. O Japão com sua renda *per capita* aproximada a trinta mil dólares anuais, a Índia com uma das maiores populações do mundo, estimada em 1,3 bilhões de habitantes, um país com estrutura e cultura limitada pelas crenças, com alto nível de desigualdade. Assim Campolina afirma que a situação política da Ásia é complexa e desafiadora (p.147).

Por fim, a obra de Barreto e Campolina nos apresenta aspectos históricos, sociais e econômicos que ajudam a compreender o caminho chinês frente a globalização. Claro que o tema possui uma complexidade visto os aspectos culturais e históricos do país asiático, dado que tal é um estado planejador – tendo em vista os planos quinquenais – e que a mão do estado se torna presente em tal planejamento. A academia nacional realiza movimentos para observação e estudo da expansão asiática em relação ao mundo e a obra vai de encontro com tal movimento. Como citado no início, a obra caminha de forma didática para compreensão do enigma, não apenas no viés acadêmico, mas para uma compreensão social, histórica e cultural.

Referências

BARRETO, Francisco Paes; DINIZ, Clélio Campolina. **O enigma China: uma síntese histórica, econômica e psicanalítica**. Curitiba: CRV, 2021.

JABOUR, Elias; PAULA, Luiz Fernando de. A China e a "Socialização do Investimento": Uma abordagem Keynes-Gerschenkron-Rangel-Hirschman. **Revista de Economia Contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: ed. 22(1) p.1 – 23, 2018.

SILVA, Silas Thomaz da. **A tecnologia como vetor e bússola no processo de desenvolvimento chinês.** Tese Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia. Campinas, SP: [s.n.], 2019.